

Caracterização Socioeconômica dos Cafeicultores da Região do Norte Pioneiro, Norte Central e Oeste Paranaense – entre 2018 e 2019

Área Temática: Trabalho

Leonardo Mateus de Moraes Auriglietti¹, Priscilla Tiari Torrezan Chaves², Amanda Ferreira Guimarães³, Sandra Mara Schiavi Bánkuti⁴, Nathalia Caroline Faria⁵, Elvis Silvestre dos Santos⁶

¹ Aluno de Mestrado em Economia, Universidade Estadual de Maringá, bolsista SETI-UEM, contato: leonardo_auriglietti@hotmail.com

² Aluna de Mestrado em Administração, Universidade Estadual de Maringá, bolsista CAPES, contato: priscilla.1007@hotmail.com

³ Aluna de Doutorado em Administração, Universidade Estadual de Maringá, bolsista CAPES, amandafguimaraes@live.com

⁴ Prof. Depto de Administração– DAD/UEM, Prof. do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA/UEM), Prof. do Programa de Pós-Graduação em Economia (PCE/UEM), contato: smsbankuti@uem.br

⁵ Aluna de Doutorado em Economia, Universidade Estadual de Maringá, contato: nathaliacarolinefaria@hotmail.com

⁶ Aluno de Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, contato: elvissds@live.com

Resumo. Este artigo apresenta uma breve descrição da condição socioeconômica dos cafeicultores da região do Norte Pioneiro, Norte Central e Oeste Paranaense. Para isso, utilizou-se dados resultantes da aplicação de questionários ao longo dos anos de 2018 e 2019. As variáveis analisadas foram: sexo, idade, escolaridade, faixa de renda, condição da terra, entre outras. Dos 72 indivíduos considerados na base de dados a distribuição de sexo foi razoavelmente equilibrada, a idade na média é avançada, com escolaridade média correspondente ao ensino fundamental completo. A faixa de renda familiar predominante varia entre 1 e 3 salários mínimos, sendo que a condição da terra de mais de 90% dos produtores é própria com escritura.

Palavras-chave: Cafeicultura – Paraná – Socioeconômico

1. Introdução

O café, apesar de ser um produto de origem etíope, foi trazido as Américas durante o século XVIII, tendo seus primeiros relatos de cultivo nos anos de 1720, na região caribenha. No Brasil supõe-se que os primeiros grãos para plantio foram trazidos em 1727. Contudo, com o grande desempenho econômico da cana-de-açúcar no referido período, o café acabou por figurar inicialmente como uma cultura secundária (PRIORI et al., 2012).

Ao longo dos anos subsequentes o café passou a substituir a cana-de-açúcar, principalmente devido ao seu cultivo ser pouco intensivo em mão-de-obra, e ainda pelo longo período de produção de um mesma planta. Destarte, entre 1820 e 1870, surge um novo ciclo econômico no Brasil, denominado “O Ciclo do Café” (PRIORI et al., 2012).

Durante o final do século XIX e início do século XX a produção foi disseminada pelo estado de São Paulo, acarretando uma oferta excessiva do produto. A consequência do ocorrido foi a proibição por parte do governo do estado de São Paulo, a partir de 1902, do plantio de novas mudas de café em seu território. Diante disso, surgiu um movimento migratório de produtores de café paulistas para as terras do norte do Paraná (PRIORI et al., 2012).

A alta capacidade produtiva do solo da região norte paranaense, denominado terra roxa, atraiu novos produtores, disseminando ainda mais a atividade cafeeira no Paraná. Condições favoráveis como solo, clima, escoamento da produção por meio de ferrovias ligadas ao Porto de Santos, e ainda o preço elevado do produto (exceto durante o período entre a Crise de 1929 até o fim da Segunda Guerra Mundial) estimularam a produção até os anos de 1960 (PRIORI et al., 2012).

Por conseguinte, a cafeicultura se propagou inicialmente na Região do Norte Velho (Pioneiro), e posteriormente se dissipou para o Norte Novo. A partir dessa expansão, diversos produtores foram atraídos com o desejo de terem seu pedaço de terra, desencadeando um fluxo migratório para essa nova região (PRIORI et al., 2012).

Após um grande período de prosperidade, durante os anos de 1960 as políticas de racionalização da produção de café, buscando a diversificação da produção para outras culturas, associada a “geada negra” de 1975 que destruiu vários cafezais, acabaram por acarretar no declínio da produção de café no estado do Paraná (PRIORI et al., 2012).

Em 2017, segundo o Censo Agropecuário do IBGE, a quantidade produzida no estado foi de 63.494 toneladas de café beneficiado, que corresponde a 2,37% da produção brasileira (IBGE, 2017).

2. Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o perfil médio dos cafeicultores paranaenses das regiões do Norte Pioneiro, Norte Central e Oeste, a partir de dados coletados entre 2018 e 2019.

3. Metodologia

O método aplicado foi de estatística descritiva, utilizando abordagem qualitativa e quantitativa. Os dados que foram utilizados são primários, provenientes de questionários aplicados a cafeicultores, de diferentes municípios do estado do Paraná. Sendo assim, foram realizadas visitas as propriedades rurais das regiões do Norte Pioneiro, Norte Central e Oeste Paranaense, totalizando 16 municípios.

Os dados foram coletados durante o período de julho de 2018 a março de 2019, sendo que parte do questionário contempla as características socioeconômicas do indivíduo responsável pela produção no referido estabelecimento rural. As variáveis a serem analisadas são: sexo, escolaridade, idade, há quantos anos é produtor rural, há quantos anos trabalha na cafeicultura, faixa de renda familiar (mensal), número de atividades que compõe a renda, percentual de participação do café na renda, e a condição da terra na qual produz.

4. Resultados

Antes de demonstrar os resultados obtidos por meio das análises realizadas sobre as estatísticas cabe ressaltar que foi considerada uma amostra de 72 indivíduos, buscando representar uma população de aproximadamente 12.000 estabelecimentos agrícolas, segundo os dados do Censo Agropecuário do IBGE de 2017.

O primeiro dado a ser apresentado refere-se a distribuição do sexo dos cafeicultores, sendo que aproximadamente 60% dos entrevistados eram do sexo masculino, e 40% do sexo feminino. Esse dado acaba por mostrar um resultado expressivo, visto que a participação das mulheres na cafeicultura é de grande relevância, dado que as mesmas constituem praticamente a metade da amostra.

Quadro 1. Variáveis socioeconômicas dos produtores de café do estado do Paraná (Norte Pioneiro, Norte Central e Oeste)

Variável	Medidas/Classificação	Nominal	Frequência (%)
Anos de escolaridade	Média	8.3194	-
	Desvio padrão	4.202	-
	Mínimo	0	-
	Máximo	17	-
Idade	Média	50.8592	-
	Desvio padrão	12.9673	-
	Mínimo	24	-
	Máximo	79	-
Anos que é produtor rural	Média	37.0556	-
	Desvio padrão	18.8709	-
	Mínimo	4	-
	Máximo	71	-
Anos que trabalha na cafeicultura	Média	34.8194	-
	Desvio padrão	18.4439	-
	Mínimo	4	-
	Máximo	71	-
Faixa de renda familiar (mensal)	Até R\$ 954	10	13.89
	de R\$ 954,01 até R\$ 3.816,00	38	52.78
	de R\$ 3.816,01 até R\$ 9.540,00	18	25
	de R\$ 9.540,01 até R\$ 19.080,00	3	4.17
	acima de R\$ 19.080,00	3	4.17
Perc. dos rendimentos da família em agropecuária*	Média	81.31	-
	Desvio padrão	24.3	-
	Mínimo	0	-
	Máximo	100	-
Perc. de participação do café na renda	Média	65.7257	-
	Desvio padrão	31.8819	-
	Mínimo	0	-
	Máximo	100	-
Condição da Terra	Própria c/ escritura	64	94.44
	Arrendada	3	4.17
	Assentado s/ titulação definitiva	1	1.39
	Meeiro/porcenteiro/parceiro	1	1.39
	Próprio c/ escritura (outro direito de posse)	1	1.39
	Própria c/ escritura, própria s/ escritura, meeiro/porcenteiro/parceiro	1	1.39
	Própria s/ escritura	1	1.39

Fonte: Elaboração própria com base nos questionários da pesquisa de campo.

* O percentual mínimo verificado foi 0 devido a dois produtores entrevistados não visarem lucro com sua produção.

De acordo com os dados apresentados no quadro 1, observa-se que o grau de instrução do cafeicultor na média é de 8 anos, que corresponde ao ensino fundamental completo. Entretanto há dois extremos muito distantes com grande dispersão, em que ao menos um agricultor nunca recebeu educação formal, enquanto outros chegam a alcançar o nível superior completo. Já a idade na média é elevada, em torno de 50 anos, e com baixa variabilidade, mostrando que a população que prevalece no campo apresenta idade mais avançada.

Um resultado de grande relevância para a cafeicultura trata-se da comparação entre as variáveis “anos que é produtor rural” e “anos que trabalha na cafeicultura”. O resultado obtido foi que a maioria dos atuais cafeicultores trabalham com essa cultura desde o início do período em que começaram a trabalhar na agricultura, mostrando a importância da experiência adquirida, e certo grau de dependência desse produto.

A faixa de renda familiar mensal prevalecente dos cafeicultores ficou entre 1 e 3 salários mínimos, o que leva a considerar a cafeicultura como um cultivar destinado a pequenos produtores, em estabelecimentos sustentados pela mão-de-obra familiar.

Já os resultados percentuais de participação da agropecuária na renda familiar desses indivíduos, superou os 80% mostrando elevado grau de dependência dessas atividades. Todavia, a participação percentual do café na renda familiar ficou na faixa de 65%, que demonstra que há um certo nível de diversificação da produção agrícola desses agentes.

Por último analisa-se a condição da terra dos cafeicultores entrevistados, sendo que praticamente 95% desses possuem a totalidade de sua propriedade em regime próprio com escritura.

5. Conclusão

A partir dos dados resultantes do projeto de extensão foi possível traçar um perfil médio do produtor de café paranaense. Sendo em sua maioria constituído por produtores do sexo masculino, com idade de aproximadamente 50 anos, ensino fundamental completo, renda média familiar entre 1 e 3 salários mínimos, e tendo certo grau de diversificação de produtos além do café. A terra em sua grande maioria própria e com escritura. Além disso, foi verificado um dado muito relevante, que se refere ao tempo no qual o indivíduo trabalha com cafeicultura, e o período no qual é produtor rural, sendo que essas variáveis apresentam resultados muito similares. Conclui-se então que apesar da caracterização familiar de grande parte da produção cafeeira no Paraná, o vínculo deste indivíduo com a cultura ao longo de toda a sua vida, acaba por exercer outro grande fator de permanência nesse cultivo.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores.** Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) – Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PRIORI, A. et al. **História do Paraná:** séculos XIX e XX [online]. UEM. Maringá, EDUEM, 2012. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878.pdf> >. Acesso em: 22 jul. 2019.